

EXPERIÊNCIAS FAMILIARES CRIOULAS NO CONTEXTO DA DIÁSPORA AFRICANA: TRÁFICO NEGREIRO, TRAJETÓRIAS E RUPTURAS (MARIANA, 1701-1750)

Gabriel Antonio Bomfim Seghetto*, Aldair Carlos Rodrigues.

Resumo

O tema deste projeto são as experiências familiares da população classificada no período colonial como crioula ("crioulo", "crioula", "crioulinho", "crioulinha"). O seu foco é o impacto do comércio negreiro nos processos de ruptura, composição e recomposição de laços familiares dos descendentes de africanos nascidos na América portuguesa, sem desconsiderar as suas relações com outros segmentos demográficos, sobretudo os africanos escravizados que eram importados constantemente para a Colônia. Interessa recuperar a dimensão humana destas dinâmicas marcadas por profundas rupturas dos laços de parentesco. A principal contribuição deste projeto para o campo historiográfico onde se insere são os aportes e avanços que trará para o conhecimento da complexidade das vivências dos descendentes de africanos (crioulos) na experiência histórica mais ampla da diáspora.

Palavras-chave:

Experiências familiares, descendentes de africanos, diáspora.

Introdução

Na maioria dos estudos múltiplas experiências de vida são reunidas sob um grande guarda-chuva chamado "crioulos". Por razões circunstanciais, seja para facilitar o tratamento de dados demográficos acerca da população escrava, ou, talvez, pelo foco principal do trabalho não passar sequer brevemente por esse detalhe, os autores tenderam a considerar os crioulos como um bloco monolítico.

Interessa estudar suas trajetórias de vida por meio de pistas e evidências coletadas na documentação do século XVIII para compreender como viveram o processo de deslocamento para Minas e os sentidos e significados que atribuíram a esta experiência traumática. Por exemplo, de onde eram oriundos? Mantiveram vínculos com os membros de suas famílias que permaneceram nos seus locais de origem? Chegaram a constituir famílias em Mariana?

Resultados e Discussão

Em fase inicial da pesquisa, nos dedicamos exclusivamente à leitura paleográfica e análise de um conjunto documental composto por cinco testamentos, todos de autoria de mulheres que saíram da condição de escravizadas e, com algum pecúlio, estabeleceram-se na sociedade colonial como forras. Das testadoras, três vinham de regiões na África e duas nasceram na Colônia. Percebemos, tão logo finalizadas as transcrições e repassados os textos de última vontade, que as africanas possuíam maior número de propriedades e quantidade de contatos em suas redes de relacionamento. Atribuímos esse dito sucesso, em parte, pela facilidade de adaptação à nova realidade, aos seus códigos sociais e culturais. Passamos, então, a nos questionar em torno das identidades africanas e as crioulas na América.

Realizamos, utilizando de bibliografia acerca do período e espaço focados neste projeto, um levantamento demográfico de Mariana. Consultando os gráficos construídos por Bergad através de pesquisa quantitativa

da escravidão em Minas Gerais, no período que elegemos como baliza para nosso estudo (1701-1750), pelo menos em Mariana, a população africana contava por volta de setenta por cento dos escravizados, os crioulos, por sua vez, aproximadamente, trinta por cento em dois momentos, nos períodos de 1715-1719 e 1745-1749. Vasculhando a base de dados do professor Aldair Rodrigues, na qual se encontram registros de alforria e de venda de escravizados, descobrimos que, na cidade já referida, a maior parte das crianças identificadas como "crioula" eram associadas apenas à mãe (africana ou também crioula). Este é um dado importante, pois é o núcleo familiar, em grande medida, que influencia o modo de pensar e agir das filhas e filhos. Saber a nação dos pais contribui para entender o processo identitário dos seus descendentes. Porém, conhecer o contexto colonial também é importante para compreendermos quais as aberturas disponíveis para os africanos e afro-brasileiros nele se inserirem.

Conclusões

A partir da bibliografia consultada e fontes analisadas, concluímos que uma suposta identidade crioula só veio a surgir de fato, muito provavelmente, depois do período analisado. As crianças criadas dentro da realidade de início do Setecentos conviviam a maior parte do tempo com africanos, por questões de afinidade, muitos da mesma nação dos pais. Os princípios de um esboço de identidade crioula podem ter surgido a partir da necessidade. Pais africanos ou os da primeira geração de crioulos, para garantir o sucesso da família, ensinaram às filhas e aos filhos a ocultar práticas culturais e absorver certos códigos sociais. Essa nova conduta seria transmitida às gerações posteriores

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPQ/PIBIC pelos subsídios necessários a esta pesquisa.

¹ BERGAD, Laird W. Aspectos demográficos da escravidão: 1720-1888. In: "Escravidão e História Econômica: demografia de Minas Gerais, 1720-1888. Bauru, SP: Edusc, 2004.